

Judaísmo: A religião em que Jesus nasceu*Craig L. Blomberg, Ph.D.**Experience: Distinguished Professor of New Testament Studies
at Denver Seminary in Littleton, Colorado*

I. Introdução ao judaísmo e evidências arqueológicas

Nesta unidade, concluiremos nosso estudo do cenário religioso do Novo Testamento com uma visão geral do judaísmo do primeiro século. Depois, apresentaremos a importância da pesquisa arqueológica para os estudos do Novo Testamento.

II. Judaísmo

Pode-se dizer que o cristianismo nasceu do judaísmo e é por isso que a compreensão do judaísmo do primeiro século deve ser uma importante área de estudo para todos os estudiosos sérios do Novo Testamento — como você.

Os crentes judeus remontam sua fé (como fazem os cristãos) a Abraão. Eles creem que Abraão e seus descendentes foram chamados por Javé a ser uma bênção para todas as nações do mundo (Gn 12:3). Esse chamado envolveu (1) uma promessa de terra (Gn 12:1), (2) o estabelecimento de um povo (Gn 12:2), e um propósito universal (Gn 12:3). Essa revelação de Deus a Abraão é considerada uma aliança eterna (Gn 15:18), isto é, um acordo entre Deus, de um lado, e Abraão e seus descendentes “pelas gerações vindouras” (Gn 17:7) do outro, que os judeus ainda consideram em vigor nos dias atuais.

A. Escritura

A religião dos judeus se baseia na revelação de Deus encontrada na Bíblia Hebraica e na lei oral, que é uma explicação da Torá escrita dada a Moisés no Monte Sinai. A Bíblia Hebraica consiste em Torah (Lei), Nebi'im (Profetas) e Kethubim (Escritos). Seu cânone inclui 22 ou 24 livros (alguns unem Lamentações a Jeremias e Rute a Juízes), e corresponde aos 39 livros do Antigo Testamento cristão.

A Torá foi revelada a Moisés no Monte Sinai, depois dos israelitas

terem fugido do Egito. O significado básico da palavra hebraica Torah não é “lei”, do modo como esse termo é habitualmente entendido atualmente, mas “instrução”. Para os judeus, a Torá de Deus é a Sua vontade revelada de como o Seu povo deve viver (Sl 119:1-8). Ele é um Deus santo e Seu povo deve ser santo (Lv 19:1).

A Torá é a base do judaísmo, mas os Profetas (Nebi'im) também são considerados como falando por Deus, e seleções dos Profetas (haptarot) são lidas juntamente com as leituras da Torá nos cultos do sábado (Shabat). Em essência, os escritos proféticos podem ser vistos como as aplicações da Torá (halakot). O sistema de culto representou a base do sistema sacrificial judaico durante toda a permanência do templo.

B. Locais de culto

No início da era cristã, a obediência dos judeus à Torá era centrada em dois locais de culto: a sinagoga e o templo. Embora não mencionadas no Antigo Testamento, nas sinagogas estava o cerne da vida judaica no tempo do Novo Testamento (Mc 1:21; 6:2; Lc 4:16, 31; 6:6). As sinagogas não se localizavam somente na Palestina, mas existiam em todo o mundo romano.

Tiago observa no livro de Atos: “Moisés tem, em cada cidade, desde tempos antigos, os que o pregam nas sinagogas, onde é lido todos os sábados” (At 15:21). Não se sabe se a primeira sinagoga foi organizada durante o cativeiro na Babilônia, no período pós-exílico ou durante o período intertestamentário, embora a primeira opção pareça ser a mais lógica, uma vez que a necessidade de comunhão congregacional, instrução e adoração certamente teria existido entre os exilados. Segundo a tradição, havia 480 sinagogas em Jerusalém, quando a cidade foi tomada no ano 70 d.C.

O papel da sinagoga é bem descrito em uma inscrição em Ofel, perto de Jerusalém, construída no início do primeiro século d.C., “para a leitura da lei e para o ensino dos mandamentos”. Além disso, no local havia uma pousada com bom abastecimento de água para o uso dos estrangeiros, presumivelmente em peregrinação ao templo. Bastavam dez homens judeus acima de treze anos de idade para formar um minyan ou quórum — o número mínimo necessário para uma sinagoga. Seu líder era conhecido como “arquissinagogo” ou presidente. Inscrições relativamente tardias de Esmirna e Mindos, na Caria, mostram que, às vezes, mulheres exerciam esse ofício; isso, porém, continua a ser debatido.

A presença de sinagogas fora da Palestina e a existência de propaganda judaica, produziu uma impressão favorável em alguns gregos e romanos, que se tornaram prosélitos ou, como às vezes eram chamados, “tementes a Deus”. Assim, sinagogas, escolas e seus ministros floresceram no mundo greco-romano e deram exemplos a serem seguidos pelos cristãos posteriores.

A sinagoga era o centro de instrução, mas o templo era o lugar de sacrifício. O primeiro templo, construído por Salomão (949 a.C.), foi destruído pelos babilônios em 586 a.C. Sob a liderança combinada de Zorobabel, Ageu e Zacarias, um segundo templo foi construído no período pós-exílico (516—515 a.C.).

O Talmude afirma que cinco itens-chaves do primeiro templo estavam ausentes no segundo templo; são eles: (1) a arca da aliança, (2) a nuvem da glória, Shekinah, (3) o fogo divino, (4) o Santo Espírito, e (5) o Urim e o Tumim.

Herodes, o Grande começou um extenso programa dedicado à ampliação e ao embelezamento do templo no décimo oitavo ano de seu reinado (20—19 a.C.). Suas especificações arquitetônicas podem ser captadas a partir dos escritos de Flávio Josefo e do Talmude. A área do templo foi ampliada para cobrir cerca de dez hectares. O edifício principal e seus átrios foram dispostos em terraços, com o templo localizado no mais alto deles, doze degraus acima do átrio interno.

O átrio externo, conhecido como átrio dos gentios, era frequentado por gentios, pessoas impuras e comerciantes. Ele era cercado por um muro alto, com várias portas no lado ocidental e pórticos ao redor. Em seguida vinha o átrio das mulheres, separado do átrio dos israelitas por um muro. Dentro do átrio dos israelitas ficava o átrio dos sacerdotes com o santuário do templo. Dentro do átrio dos sacerdotes estavam o altar do sacrifício e a bacia. O novo templo era, verdadeiramente, uma visão magnífica para ser admirada.

C. Liderança sob o governo romano

As relações entre judeus e romanos eram bastante complexas, como demonstra uma extensa coleção de decretos citados nas Antiguidades de Josefo e derivados dos arquivos da biblioteca do Capitólio. Eles vinham de cidades, cônsules, procônsules, e governantes como Marco Antônio, Júlio César, Augusto e Cláudio. Eles mostram que os judeus tinham direitos com base em tratados

feitos com Roma e que o exercício desses direitos não se limitava somente à região da Palestina.

As comunidades judaicas tinham jurisdição sobre seus próprios membros e podiam administrar seus próprios fundos, incluindo distribuições especiais feitas ocasionalmente. Seus membros eram isentos do serviço militar, do cumprimento das obrigações do culto do Estado, e não eram obrigados a comparecer ao tribunal no sábado.

1. Sumo Sacerdote. Na própria Judeia, o sumo sacerdote tinha jurisdição sobre todos os assuntos religiosos, ainda que aparentemente ele e sua corte suprema, o Sinédrio, não podiam legalmente impor a pena de morte sob prefeitos ou procuradores romanos. Ele era encarregado do templo e de seus ritos elaborados, que incluíam os sacrifícios diários. Nos grandes festivais de Tabernáculos, Dedicção, Páscoa e Pentecostes, ele presidia com a ajuda de um grande número de sacerdotes e levitas. Somente ele podia adentrar o Santo dos Santos, enquanto os gentios eram proibidos, sob pena de morte, de sequer entrar no átrio interno do templo.
2. Sacerdotes. Todas as fontes bíblicas concordam em que o sacerdócio foi originalmente atribuído à tribo de Levi. As fontes discordam, porém, quanto à maneira como o sacerdócio foi estabelecido naquela tribo. Uma possibilidade é que o sacerdócio fosse composto exclusivamente por uma família da tribo de Levi, a família de Arão (Ex 28:1; 30:26-30; 49:9-15).

Os demais membros da tribo eram, então, subordinados ao sacerdócio de Arão, pois somente os descendentes de Arão podiam ser sacerdotes. Mesmo que residissem no lugar de sacrifício, os demais membros da tribo de Levi não poderiam participar, de qualquer maneira direta, dos rituais de culto da religião. Como grupo, porém, aos levitas era atribuída certa santidade, abaixo do grupo sacerdotal, mas distinta dos outros israelitas. Dentro da família de sacerdotes aarônicos, o primogênito era separado e recebia o grau de sumo sacerdote.

A função dos sacerdotes estava primariamente ligada à oferta de

sacrifícios no altar do templo. Isso incluía a aspersão do sangue e a queima de partes dos sacrifícios (Lv 1). Eles estavam envolvidos no tratamento e na avaliação de impurezas. No mundo do antigo Oriente Próximo, frequentemente a doença era vista como uma encarnação externa e tangível de um espírito impuro. As atividades sacerdotais também incluíam oráculos dados para uma variedade de propósitos, desde aconselhamento militar até julgamento e instrução do povo quanto a questões de costumes e comportamentos tribais.

3. Levitas. Outra visão dos sacerdotes e dos levitas era que toda a tribo de Levi (não apenas a família de Arão) fosse designada para servir no sacerdócio ou, mais precisamente, fossem designados os levitas que residiam na cidade escolhida (geralmente identificada com Jerusalém). Levitas não ligados ao templo eram desprovidos de qualquer grau de santidade e, nesse aspecto, não diferiam dos israelitas comuns. Os levitas que viviam em cidades de província não deveriam participar do sistema sacrificial.

Quaisquer que fossem as suas responsabilidades de trabalho originais, uma vez que o templo havia sido construído em Jerusalém, os levitas não pertencentes à família de Arão costumavam atuar apenas como supervisores da casa do Senhor (1Cr 23:4). Eles eram coralistas, músicos, porteiros, juizes, artesãos do templo, supervisores de câmaras e átrios, superintendentes dos tesouros do templo e funcionários encarregados dos serviços reais (1Cr 9:22, 26-27; 23:2-4, 28). Eles também ajudavam os sacerdotes, preparavam as ofertas de cereais e cuidavam dos átrios e das câmaras do santuário. Eles eram sustentados pelo dízimo do povo (Lv 27:32), mas um décimo desse dízimo devia ser dado aos sacerdotes (Nm 18:26-28).

4. Sinédrio. O Sinédrio, assembleia suprema do judaísmo pós-exílico, cresceu a partir da união dos chefes não sacerdotais de famílias, representantes da nobreza laica, com a aristocracia sacerdotal. A autoridade judicial suprema em Jerusalém era composta por levitas, sacerdotes e chefes de família. Assim, ele era um senado aristocrático composto por representantes das aristocracias sacerdotal e laica, que, nos perío-

dos persa e grego, vieram a ser os mais destacados do povo judeu. Somente mais tarde, provavelmente no tempo da rainha Alexandra (76-67 a.C.), cujo credo religioso era farisaico, os escribas farisaicos foram admitidos a essa assembleia até então totalmente aristocrática.

Segundo Joachim Jeremias, “Não pode, portanto, haver qualquer dúvida acerca da composição do grupo de ‘anciãos’ do Sinédrio: eles eram os chefes das famílias laicas mais influentes” (Jerusalem in the Time of Jesus, p 223.). De fato, os escritores bíblicos os chamam por esses termos: “governantes”, “principais sacerdotes e dirigentes”, “principais sacerdotes, anciãos e escribas” e “conselho”.

Nos tempos do Novo Testamento, o sumo sacerdote presidia 70 membros, compostos por sumos sacerdotes, membros das famílias que geraram o sumo sacerdote, chefes de tribos e de famílias, escribas, fariseus e saduceus. As sessões do conselho não eram realizadas à noite, no sábado, nem durante as várias festas religiosas. Eles normalmente se reuniam na área do templo diariamente, embora algumas fontes indiquem que eles congregavam somente às segundas e quintas-feiras.

Em casos religiosos, eles tinham o poder de impor e de executar a sentença de morte sobre gentios que entrassem em átrios não autorizados do templo e sobre judeus que convidassem gentios para as áreas do templo reservadas aos judeus. Em casos civis, seus veredictos de pena capital tinham de ser encaminhados ao procurador romano para execução. Cristo compareceu perante o Sinédrio sob a acusação de blasfêmia (Mt 26:65). Além disso, sabemos que o conselho ouviu acusações contra Pedro e João (At 4:5-6; 5:27), Estêvão (At 6:13) e Paulo (At 23:1). O sinédrio era autorizado a manter uma força policial, que tinha o poder de efetuar prisões (Mt 26:47).

D. Calendário religioso

As observâncias religiosas judaicas se baseavam primariamente nas diretrizes encontradas na Escritura Hebraica. O sábado, ou o sétimo dia da semana, devia ser santificado por meio de repouso do trabalho e instrução na Torá (Ex 20:6-11). Ao definir trabalho, os escribas do primeiro século haviam imposto ao sábado normas tão rígidas que as obras de compaixão e necessidade foram também excluídas. Isso os levou a criticarem as ações de Jesus

e à sua afirmação de que Ele não havia guardado o sábado (Mt 12:1-14; 23:2-4). O calendário religioso era marcado por oito celebrações primárias:

- Páscoa / *14 de abril / Ex 12:1-20; Lv 23:5
- Pães Asmos / *15 de abril / Lv 23:6-8
- Pentecostes / *6 de junho / Lv 23:15-21
- Trombetas / *1 de outubro / Lv 23:23-25
- Expição / *10 de outubro / Lv 23:26-32
- Tabernáculos / *15 de outubro / Lv 23:33-44
- Dedicção / *25 de dezembro / Jo 10:22
- Purim / *14 de março / Et 9:26-28

* as datas variavam de ano para ano

O ano religioso judaico começava com a Páscoa, enquanto o ano civil iniciava com a Festa das Trombetas. As seis primeiras festas foram ordenadas por Deus por intermédio de Moisés. O Purim foi instituído após o cativo babilônico, na era pós-exílica, e a Festa da Dedicção começou durante o período intertestamentário. As festas eram épocas santas e patrióticas, nas quais as pessoas se lembravam de sua herança nacional e das obras de Deus em favor delas. Páscoa, Pentecostes e Tabernáculos formavam os três grandes festivais anuais. Esses três haggim, ou festivais de peregrinação, foram assim designados porque neles os israelitas se reuniam em Jerusalém para, com alegria, dar graças ao seu Deus (Dt 16:16).

1. Festa da Páscoa. A Páscoa era um grande festival realizado na primavera, para comemorar a libertação de Israel do cativo no Egito. O termo é frequentemente usado para toda a celebração festiva (Ex 12:48; 2Rs 23:21). Ele pode também designar o sacrifício de Páscoa a ser comido (Ex 12:11; 2Cr 30:18) ou o próprio animal, isto é, o cordeiro pascal (Ex 12:21; 2Cr 30:15).

Nosso entendimento da Páscoa durante a era do Novo Testamento vem, em grande parte, dos escritos de Flávio Josefo, o tratado mishnaico Pesaḥim, e do próprio Novo Testamento. Faziam-se peregrinações a Jerusalém para o sacrifício da Páscoa anualmente,

até que o templo foi destruído.

2. Festa dos Pães Asmos. No dia após comerem o cordeiro pascal começava a Festa dos Pães Asmos. Essa observância, distinta da Páscoa, deveria durar sete dias. Durante esse tempo, todo pão feito com fermento deveria ser destruído, só devendo ser comido pão sem fermento (Ex 12:15, 17-20; 13:6 ss). No primeiro e no sétimo dias deveriam ser realizadas assembleias sagradas; nenhum trabalho deveria ser feito, exceto para a preparação de alimentos (Ex 12:16).
3. Festa das Semanas (Pentecostes). Em grego, pentekoste significa quinquagésimo e passou a designar o quinquagésimo dia após a Páscoa. O Antigo Testamento não usa o termo; em vez disso, refere-se ao festival como Festa das Semanas (Ex 34:22).

Ela era assim designada porque concluída o intervalo que começava com a apresentação dos primeiros feixes da colheita, marcando assim o fim da safra de grãos. Ela era comemorada com muita alegria, cessação do trabalho e apresentação da ritual “oferta de cereais de grão novo”, na forma de dois pães salgados fermentados (Lv 23:16-17; Nm 28:26). Nesse dia nasceu a Igreja (At 2).

4. Festa das Trombetas. Não há qualquer referência real à Festa das Trombetas no Antigo Testamento; contudo, a designação tem sido frequentemente aplicada à observância do primeiro dia (lua nova) do sétimo mês (Tisri), conforme descrito em Levítico 23:23-25 e Números 29:1-6.

A “trombeta” era, na verdade, um shofar (plural em hebraico: shofarot). A palavra é derivada de shapparu (assírio), que significa “cabra selvagem” e é feito de chifre de carneiro. A forma original do shofar era curva como a do chifre de carneiro natural. Esse dia devia ser solene de descanso e, como na observância de cada lua nova (Sl 81:3), tocavam-se shofares. A Festa das Trombetas é o ancestral direto do atual Rosh Hashaná, o Dia do Ano Novo judaico.

5. Dia da Expição. O nome Yom Hakkippurim (mais familiarmente, Yom Kippur) é derivado

do substantivo hebraico *koper*, que significa “resgate” ou “suborno” (Ex 30:12; 1 Sm 12:3). O Yom Kippur era o dia acima de todos os outros, no qual Israel, como nação, procurava a propiciação do Deus contra o qual eles haviam pecado, juntamente com a consequente bênção do Seu perdão e da reconciliação com Ele. O Dia da Expição era um dia de jejum e lamento, que caía no décimo dia do sétimo mês, nove dias após a Festa das Trombetas e cinco dias antes da vinda de Tabernáculos.

6. Festa dos Tabernáculos (das Cabanas ou da Colheita). Essa festa começava no décimo-quinto dia do sétimo mês (Tisri), ou seja, em meados de outubro, cinco dias após o Dia da Expição. Ela continuava durante uma semana e estava associada à estação do outono, no fim do ano (Ex 34:22), quando o trabalho agrícola se concluía.

Ela era um festival de “peregrinos”, cuja intenção era enfatizar o caráter nômade do período no deserto (Lv 23:43). No primeiro dia, a congregação cessava todas as atividades normais e apresentava holocaustos ao Senhor, procedimento que era repetido no oitavo dia, após o término do festival propriamente dito.

7. Festa da Dedicção (Hanukkah). Festa realizada pelos judeus na Palestina durante oito dias, com início no dia vinte e cinco de quisleu (novembro-dezembro), em comemoração à purificação do templo e à reinauguração do altar por Judas Macabeu, após sua profanação pelo mui desprezado Antíoco Epifânio (1Macabeus 4:52-59; comparar com 2Macabeus 5:10). Fontes judaicas frequentemente se referem a ela como Festa dos Macabeus. A festa deveria ser feita “com alegria e júbilo”. Nessa festa, Jesus fez o discurso no templo de Jerusalém, registrado em João 10:22-39.
8. Festa de Purim. A instituição de Purim e os eventos que levaram a isso estão registrados em Ester (3:7; 9:20-32). O livro descreve como

Hamã, que tinha sido feito o príncipe mais importante da Pérsia pelo rei Xerxes (485—465 a.C.), detestava todos os judeus. Hamã teve sortes (pur, em hebraico; purim é o plural de pur) lançadas para encontrar uma ocasião oportuna para despejar o seu ódio sobre eles. Essa ocasião acabou sendo os dias 13 e 14 do décimo-segundo mês (adar). Pela graça de Deus, os judeus foram poupados e foram incentivados por Mordecai a comemorar seu grande livramento como uma festa anual (Et 9:20-22).

III. Evidências Arqueológicas

Muito do que se conhece sobre as civilizações passadas foi descoberto pela arqueologia. A arqueologia é o estudo científico dos restos materiais da vida e atividade humana do passado. Evidências arqueológicas precisam ser avaliadas com precisão quando usadas em correlação a estudos bíblicos, segundo Charles L. Feinberg em *The Value of Archaeological Studies for Biblical Research*:

É adequado considerar tanto os usos quanto os abusos da pesquisa arqueológica, pois há usos corretos e incorretos dessa disciplina. Nunca devemos nos esquecer de que a arqueologia não pode comprovar, e não comprova, o conteúdo doutrinário da Escritura. Embora a verdade bíblica repouse sobre dados históricos, na natureza específica do caso, a verdade bíblica tem caráter fundamentalmente religioso e espiritual, ou seja, ela trata a Pessoa de Deus e do homem, e seus relacionamentos. As descobertas tangíveis da arqueologia são incapazes de provar ou refutar tal verdade espiritual. ... É com referência à verdade das Escrituras historicamente fundada que se pode buscar a confirmação da arqueologia. (p. 266)

A. Arqueologia Bíblia

Ao analisarmos evidências arqueológicas, a arqueologia da Bíblia não pode ser confinada à terra da Palestina. A história bíblica começou no extremo leste de um longo retângulo onde os rios Tigre e Eufrates se unem para correr para o Golfo Pérsico, e onde Ur, o porto sumério, se situava no ponto culminante das grandes rotas comerciais ao longo de desertos, montanhas e mar. Quando o último apóstolo descansou seu instrumento de escrita, perto do

fim do primeiro século d.C., a igreja havia sido estabelecida em Roma, governando todo o território em que a história da Bíblia tomara forma.

Roma, a grande cidade das sete colinas, era localizada às margens do rio Tibre, que ficava próximo ao extremo oeste do mesmo longo retângulo de terras. Em outras palavras, esse retângulo fundamental para a arqueologia bíblica passou de Ur, no canto sudeste, para o Mar Cáspio, no canto nordeste, Roma, no canto noroeste, e Cartago, no canto sudoeste.

A arqueologia bíblica é, portanto, um campo especializado dentro da disciplina maior da arqueologia em geral, relacionada às terras que desempenharam papéis importantes no desenrolar da história hebraica e da subsequente fundação da igreja cristã. \\\

Dentro dessas terras se encontram os restos mortais de sete grandes impérios: egípcio, hitita, assírio, babilônico, persa, grego e romano, ou as partes importantes deles que tiveram um lugar e papel no registro bíblico. Além de incontáveis reinos, principados e cidades-estados, inúmeras pessoas entraram em cena e se foram, e deixaram os restos de suas culturas para os arqueólogos descobrirem e nos ajudarem a obter uma melhor compreensão da narrativa bíblica.

B. Sítios Arqueológicos

Um sítio arqueológico poderia ser uma antiga necrópole, uma caverna, os restos de um complexo de edifícios isolado ou qualquer área semelhante que apresente evidências de ocupação ou atividade humana. O local habitual para escavação no Oriente Médio é geralmente um “tell”. Essa palavra árabe, que comumente significa “colina”, foi tomada pelos arqueólogos para designar uma colina formada a partir dos restos de uma ocupação humana, construída em camadas sucessivas ao longo dos séculos, por meio de uma sequência de habitação, destruição e reconstrução.

Aumentando os restos da atividade humana, muitas vezes há também uma grande quantidade de areia e sujeira sopradas pelo vento, acumulada ao longo dos períodos em que o local ficou desocupado. Cada “tell” veio à existência porque oferecia alguma vantagem para supostos habitantes.

Duas características que frequentemente atraíam assentamentos humanos eram uma fonte perene de água e pastagem ou campos

férteis adjacentes. Além disso, um sítio pode ter se tornado mais desejável por sua localização próxima a uma rota de comércio, por ser naturalmente defensável ou por ocupar uma posição estratégica.

As moradias eram construídas próximas umas das outras, um muro era construído para proteção, e os campos circunjacentes eram utilizados para agricultura e pastoreio. Durante a vida da primeira comunidade, que pode ter sido de 50, 100 ou mais anos, lixo se acumulava nas avenidas. Poeira era trazida pelo vento e se acumulava sobre as habitações e muros da cidade, e gradualmente o nível da cidade subia, obrigando os habitantes a elevarem o piso de terra de suas casas, para impedir a água de entrar durante a estação chuvosa. Em algum momento, o ciclo de ocupação acabava, talvez devido à peste, a algum terremoto, à guerra ou qualquer outro motivo. Mas, em uma data posterior, as mesmas vantagens que levaram à ocupação inicial do local continuavam a atrair outros colonos. Ao longo do tempo, talvez até 4.000 anos, a mesma história se repetiria várias vezes e um tell se formaria a partir dessas camadas sobrepostas de ocupação humana. Algumas dessas antigas colinas chegam a vinte metros de altura e exibem trinta ou mais níveis de ocupação.

C. Datação de achados

Quando uma escavação começa em um tell, a datação se torna uma questão importante. A cronologia é um assunto de grande importância para a arqueologia bíblica. A cronologia relativa precisa ser cuidadosamente distinguida da cronologia absoluta. A maioria dos dados arqueológicos fornece, na melhor das hipóteses, a cronologia relativa: o Nível II se formou depois do Nível III e antes do Nível I. Consequentemente, os tipos de materiais encontrados nesses níveis podem ser dispostos tipologicamente e sequencialmente.

Um dos itens mais importantes no estabelecimento de uma sequência cronológica de ocupação são os restos de cerâmica antiga, pintadas e sem pintura. A cerâmica é o artefato mais profuso recuperado pelos arqueólogos bíblicos. Esses restos são classificados segundo as suas características e são úteis para o desenvolvimento de uma cronologia do sítio.

Várias características fazem da cerâmica o material ideal para a cronologia relativa, tais como: (1) seu estilo mudava com bastante frequência; (2) ela era relativamente barata e, posteriormente,

muito abundante no antigo Oriente Próximo; (3) ela era frágil e, uma vez quebrada, praticamente inútil; e (4) cacos de cerâmica são quase indestrutíveis. Além disso, a cerâmica não se dissolve em água e não é consumida pelo fogo. O resultado desses fatores foi que a cerâmica se tornou o meio mais abundante e o mais confiável de construção de uma cronologia relativa disponível aos arqueólogos modernos.

D. Períodos Arqueológicos

A arqueologia bíblica se situa no período holoceno do estudo geológico e nos níveis culturais antropológicos da Nova Idade da Pedra e posterior. Os períodos de tempos são delineados principalmente com base em mudanças tecnológicas importantes. Existe um amplo consenso geral entre os estudiosos acerca da sequência do desenvolvimento cultural e das datas sugeridas.

Para o mundo bíblico, os períodos são os seguintes:

- Período Neolítico Acerâmico (Pré-cerâmico), aproximadamente 9000—6000 a.C.
- Período Neolítico com Cerâmica, aproximadamente 6000—5000 a.C.
- Período Calcítico (introdução de ferramentas de cobre), aproximadamente 5000—3200 a.C.
- Idade do Bronze Antiga (ferramentas de cobre predominavam), aproximadamente 3200—2000 a.C.
- Idade do Bronze Média, aproximadamente 2000—1600 a.C.
- Idade do Bronze Recente, aproximadamente 1600—1200 a.C.
- Idade do Ferro (introdução de ferramentas de ferro), aproximadamente 1200—300 a.C.
- Período Helenístico, aproximadamente 300—63 a.C.
- Período Romano, 63 a.C.—323 d.C.

É claro que o Período Neolítico Acerâmico não terminou em todo o mundo bíblico de forma simultânea. A descoberta de como fazer argila plástica, moldá-la, queimá-la e, assim, fabricar utensílios de cerâmica, provavelmente foi restrito a um lugar (ou mais), a partir do qual o ofício se disseminou para outras áreas. Do semelhante modo, a descoberta de competências metalúrgicas se disseminou, provavelmente mais lentamente devido às fontes mais limitadas

de minério de cobre e ao maior nível de habilidade necessário para fazer ferramentas de cobre, em comparação com a fabricação de utensílios de cerâmica.

Aprendizagem cristocêntrica— a qualquer momento, em qualquer lugar